

20 de novembro de 2018

Previsões Agrícolas

31 de outubro 2018

A mais baixa produção de vinho das últimas duas décadas

As previsões agrícolas, em 31 de outubro, apontam para reduções generalizadas de produção nas fruteiras, vinha e olival. Na maçã e na pera, as diminuições, face à campanha anterior, são de 15% e 20%, resultantes da conjugação de fracas polinizações, problemas fitossanitários e da onda de calor de agosto. No kiwi, a carga de frutos é heterogénea registando-se danos em alguns pomares devido à passagem da tempestade Leslie, estimando-se uma produção inferior à de 2017 (-5%). Na vinha, a extensão dos prejuízos causados pelas elevadas temperaturas foi variável, mas estendeu-se por quase todas as regiões vitivinícolas, prevendo-se uma das menores produções de vinho das últimas duas décadas (5,2 milhões de hectolitros). A produtividade da azeitona para azeite deverá reduzir-se em 15%, resultado de uma grande variabilidade de produção nos olivais tradicionais de sequeiro. Em sentido contrário, os soutos apresentam uma produção de castanha que se prevê 5% superior à da campanha anterior.

Quanto às culturas anuais, preveem-se diminuições na produção de tomate para a indústria (-26%, devido exclusivamente à diminuição da área instalada) e de girassol (-10%). Nos cereais de primavera/verão, os efeitos dos ventos fortes associados à tempestade Leslie foram bem visíveis, com consequências na produção global estimada: para o milho, e apesar do aumento da área semeada, os estragos nas searas do Baixo Mondego e Pinhal Litoral diminuíram o rendimento unitário, resultando na manutenção da produção da campanha anterior; no arroz, os campos do Baixo Mondego sofreram danos que conduziram a uma diminuição de 5% na produção.

O mês de outubro caracterizou-se, em termos meteorológicos, como seco. O valor médio de precipitação foi de 70,4mm, correspondente a 72% da normal (1971-2000). Em relação à temperatura do ar, o mês classificou-se como normal, muito embora com variações significativas: um período muito quente durante a primeira semana, com desvios da temperatura máxima superiores à normal em mais de 9°C; um período muito frio, nos últimos cinco dias, com valores mínimos históricos para algumas regiões do Norte e Centro. De salientar ainda a passagem da tempestade Leslie, nos dias 13 e 14, com registo de precipitação e ventos muito fortes nos distritos de Lisboa, Leiria, Coimbra, Aveiro e Viseu.

Estas condições meteorológicas permitiram que todos os trabalhos agrícolas em curso se realizassem praticamente sem restrições. No entanto, a precipitação e os ventos muito fortes associados à tempestade Leslie provocaram, no litoral Centro, avultados prejuízos em estruturas agrícolas e em diversas culturas, nomeadamente no milho, em hortícolas e no kiwi.

CLIMATOLOGIA EM OUTUBRO 2018

Observação	Temperatura média do ar (°C)				Precipitação média (mm)			
	Média mensal	1 ^a década	2 ^a década	3 ^a década	Mensal acumulada	1 ^a década	2 ^a década	3 ^a década
A norte do Tejo								
Valor verificado	16,0	18,2	16,4	13,4	71,9	0,0	44,3	27,6
Desvio da normal	0,7	1,5	1,4	-0,7	-30,2	-23,7	-1,4	-5,1
A sul do Tejo								
Valor verificado	17,9	20,7	17,7	15,4	67,4	0,1	31,5	35,8
Desvio da normal	0,4	1,7	0,4	-1,0	1,7	-14,0	0,7	15,0

Fonte: Instituto Português do Mar e da Atmosfera, I.P.

No final de outubro, o teor de água no solo, em relação à capacidade de água utilizável pelas plantas, registou um aumento face ao final de setembro, em particular nas regiões do litoral Norte e Centro e em muitos locais do Alentejo, apresentando valores superiores a 60%. De salientar a existência de valores inferiores a 20% em algumas zonas da região nordeste do território.

Primeiras chuvas reiniciam ciclo das pastagens

Os prados, pastagens e culturas forrageiras encontram-se em reinício de ciclo. A conjugação das precipitações ocorridas em meados do mês com as temperaturas amenas criou condições bastante favoráveis à germinação e crescimento das pastagens semeadas e espontâneas. Como habitualmente, as áreas forrageiras ainda não oferecem condições suficientes para assegurarem as necessidades alimentares dos efetivos pecuários, havendo o recurso, em quantidades normais, a palhas, fenos e silagens armazenadas ou, em casos de sistemas de produção mais específicos, a rações industriais.

Produtividade dos olivais decresce mas mantém-se acima das 2 toneladas por hectare

Tal como na maioria das culturas permanentes, a maturação da azeitona para azeite encontra-se atrasada mais de um mês face à campanha anterior. A carga nos olivais tradicionais de sequeiro (que representam cerca de $\frac{3}{4}$ da área total desta cultura) é bastante heterogénea, tendo, duma forma generalizada, beneficiado da precipitação ocorrida ao longo de outubro, verificando-se um aumento do calibre da azeitona. Nos olivais intensivos e superintensivos de regadio não se registaram restrições à utilização de água de rega, se bem que a carga de frutos também seja inferior à do ano anterior. Globalmente estima-se uma produtividade 15% inferior à alcançada em 2017, mas bastante acima da média dos últimos cinco anos.

Continente

Culturas	Produtividade						Índices	
	kg/ha						2018 *	2018 *
	2013	2014	2015	2016	2017	2018 *	(Média 2013/17=100)	(2017=100)
OLIVAL								
Azeitona de mesa	1 995	1 979	2 360	1 905	1 939	1 550	76	80
Azeitona para azeite	1 849	1 275	2 050	1 371	2 455	2 075	115	85

* Dados previsionais

Tempestade Leslie afeta produção de milho e de arroz

O desenvolvimento vegetativo das searas de milho decorreu com normalidade, com respostas muito positivas ao aumento das temperaturas e da insolação¹. No regime de regadio registou-se, face ao normal, um incremento no número de regas e/ou da dotação das mesmas, sem quaisquer constrangimentos relativos às disponibilidades hídricas. O número de espigas por planta e o seu tamanho fazia antever um aumento de produtividade face à campanha anterior. No entanto, a ocorrência de fenómenos extremos de vento e precipitação, associados à tempestade Leslie, provocou a acama² de muita searas que ainda não tinham sido colhidas na região do Baixo Mondego e do Pinhal Litoral, dificultando/impossibilitando a colheita e reduzindo o rendimento unitário. Assim, no milho de regadio, e apesar do aumento da área semeada, prevê-se que a produção se mantenha próxima da alcançada na campanha anterior.

Continente

Culturas	Produção						Índices	
	1 000 t						2018 *	2018 *
	2013	2014	2015	2016	2017	2018 *	(Média 2013/17=100)	(2017=100)
CEREAIS								
Milho de regadio	909	875	809	693	729	729	91	100
Milho de sequeiro	20	22	18	17	15	15	83	100
Arroz	180	167	185	169	180	171	97	95
CULTURAS INDUSTRIAIS								
Tomate para a indústria	1 090	1 310	1 832	1 598	1 650	1 226	82	74
Girassol	12	16	25	26	21	19	94	90
FRUTOS								
Maçã	285	272	323	253	328	278	95	85
Pera	202	210	141	137	202	162	91	80
Kiwi	21	18	30	24	35	33	131	95
Amêndoa	4	9	10	9	20	15	144	75
Castanha	30	22	33	32	30	31	107	105
VINHA								
Vinho (1 000 hl)	6 040	5 985	6 820	5 804	6 515	5 212	84	80

* Dados previsionais

¹ As plantas de metabolismo C4, como o milho, apresentam uma taxa fotossintética elevada, com uma correlação direta muito forte entre o rendimento e a radiação solar.

² Acidente de causas meteorológicas (neste caso), fisiológicas ou fitossanitárias, que se caracteriza pela inclinação e/ou queda das plantas.

Também no arroz se verificaram cenários distintos nas principais zonas produtoras. No Ribatejo e Alentejo o desenvolvimento vegetativo foi bom, com as searas a apresentarem povoamentos muito homogéneos, boa coloração e ausência de sintomas de problemas fitossanitários. As ceifas iniciaram-se na segunda quinzena de outubro e ainda não terminaram, registando produtividades muito próximas das da campanha anterior. Em contrapartida, na Beira Litoral, onde já se concluíram as ceifas no Baixo Vouga, observaram-se searas afetadas com periculária (originando uma elevada percentagem de grãos falidos por panícula) e muitas infestantes, nomeadamente milhã e arroz-bravo, o que diminuiu a produtividade da região. A passagem da tempestade Leslie também afetou os campos de arroz do Baixo Mondego, agravando as perdas de rendimento unitário. Globalmente estima-se uma produção de 171 mil toneladas, 5% inferior à de 2017.

Diminuição da área instalada conduz a menor produção de tomate para a indústria e de girassol

A colheita de tomate para a indústria iniciou-se apenas na segunda quinzena de agosto (cerca de um mês mais tarde face à campanha anterior), tendo-se concluído na primeira semana de outubro. A produção deverá rondar as 1,23 milhões de toneladas, -26% do que a de 2017, essencialmente devido à redução da área plantada. O tomate foi entregue nas unidades transformadoras com parâmetros de qualidade elevados (bom estado sanitário, grau Brix³ elevado e teor de licopenos⁴ adequado à transformação industrial).

No girassol a colheita também ficou concluída durante o mês de outubro. Ao longo do ciclo, os povoamentos, mesmo os de sequeiro, apresentaram bom aspeto vegetativo, registando-se produtividades consideravelmente superiores às da campanha anterior. No entanto, e face à forte diminuição da área semeada (-20%, essencialmente devido à descida do preço pago pela indústria), a produção deverá fixar-se nas 19 mil toneladas, o que representa uma diminuição de 10% em relação a 2017.

Reduções de produção na maçã e na pera

A apanha da maçã terminou na primeira quinzena de outubro. Nas principais regiões produtoras de maçã de Trás-os-Montes registaram-se condições meteorológicas desfavoráveis na fase da floração/vingamento e precipitações intensas sob a forma de granizo em junho, que provocaram reduções de produtividade face à campanha anterior. Posteriormente, e numa forma mais abrangente em termos territoriais, a onda de calor do início de agosto provocou situações de queima dos frutos mais expostos. A produção deverá rondar as 278 mil toneladas, o que representa uma redução de 15% em relação a 2017. Em termos de qualidade as maçãs apresentaram boas características organolépticas e colorações normais.

Quanto à pera, e após um reforço das equipas de campo no sentido de evitar a exposição prolongada dos frutos às temperaturas elevadas, foi possível terminar a colheita em setembro. Ao longo do ciclo produtivo registaram-se alguns

³ Escala que quantifica a concentração do fruto em resíduo seco solúvel e determina o seu grau de maturação.

⁴ Pigmento responsável pela cor vermelha do tomate.

problemas na floração/vingamento, com efeitos negativos na quantidade de flores viáveis e na carga de frutos vingados, situação posteriormente agravada com a exposição à onda de calor do início de agosto. Este fenómeno meteorológico, que afetou uma quantidade considerável de pomares, teve como principal consequência a paragem do crescimento dos frutos, que não alcançaram os calibres expectáveis. Foram ainda registados ataques importantes de estenfiliose, que em alguns pomares impediram a colheita de mais de 1/3 da produção. Estima-se uma redução da produção de 20% face à campanha anterior, para as 162 mil toneladas. De referir que, apesar do menor calibre, as peras apresentaram boa qualidade organolética.

Produção de kiwi acima das 30 mil toneladas

A variedade de kiwi mais cultivada em Portugal, a Hayward, regista, tal como as precoces, um atraso de duas a três semanas na sua maturação, devendo iniciar a colheita apenas na segunda quinzena de novembro. A carga de frutos é heterogénea, principalmente em resultado da intensidade da exposição do pomar às condições meteorológicas adversas (precipitação e baixas temperaturas) que ocorreram por altura da floração/polinização. No Baixo Vouga os pomares sofreram igualmente o impacto da tempestade Leslie, com quebras de produção de 30% nesta campanha e estragos duradouros por inventariar. Ainda assim, globalmente, a produção deverá situar-se nas 33,5 mil toneladas, a segunda maior de sempre (apenas superada pela de 2017, com 35,3 mil toneladas).

Novos amendoais alentejanos compensam baixas produções do Interior Norte

No Interior Norte, onde se situam cerca de 4/5 da área total de amendoais, a precipitação na plena floração dificultou a polinização, conduzindo a reduções significativas na produtividade regional. Em compensação, a entrada em produção dos amendoais recentemente instalados no Alentejo, e que consistentemente colocam esta região como a segunda maior produtora de amêndoa (ultrapassando, desde 2015, o Algarve), contribuíram para minorar estes problemas, prevendo-se uma produção de 15,1 mil toneladas, 44% acima da média do último quinquénio. De referir que os frutos apresentam-se bem formados e com bons calibres.

Produção de castanha regular

Em relação à castanha, observa-se um atraso na evolução do ciclo produtivo nas principais zonas produtoras (Alto Tâmega e Terra Fria Transmontana). Com exceção de algumas áreas com variedades mais precoces, os ouriços ainda não abriram ou, estando já abertos, ainda não soltaram as castanhas. A produção deverá situar-se nas 31,1 mil toneladas, 5% acima do alcançado na campanha passada e em linha com os valores alcançados nos últimos 5 anos (excetuando 2014, ano em as condições meteorológicas de setembro contribuíram para ataques muito intensos de septoriose do castanheiro).

Menor produção de vinho das últimas duas décadas

As condições meteorológicas até meados de outubro permitiram que as vindimas, que decorreram com atrasos significativos face ao habitual, se efetuassem sem incidentes e com as uvas a chegarem aos lagares em bom estado sanitário e com teores de açúcar regulares. Após a ocorrência das primeiras chuvas significativas (nos dias 13 e 14), a qualidade baixou, precipitando a conclusão das vindimas. Para a produção, e face ao atraso do ciclo, as condições meteorológicas de agosto foram determinantes e verificou-se que o calor excessivo causou escaldões nos bagos, embora com reflexos distintos em função da casta, da exposição e da idade da vinha. Excetuando no Algarve (aumento superior a 5%) e no Alentejo (produção semelhante a 2017), todas as regiões vitivinícolas deverão registar menos produção, prevendo-se uma redução global de 20%, para os 5,2 milhões de hectolitros, a menor das últimas duas décadas.

Ficha técnica de execução:

As Previsões Agrícolas reportam-se aos últimos dias do mês de outubro de 2018.

A recolha da informação é assegurada regionalmente pelas Direções Regionais de Agricultura e Pescas em articulação com o INE.

As Previsões Agrícolas são também divulgadas no Boletim Mensal de Estatística e no Boletim Mensal da Agricultura e Pescas (http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes)